



**CADÊ AS
BANDEIRINHAS**
?

O PATRIMÔNIO DO FUTEBOL EM RISCO

Não existe mais clima de Copa do Mundo. Temos ouvido muito isso. Cadê as bandeirinhas nas ruas? O que aconteceu?

E aqui, sem medo de cair em uma romantização do passado, eu digo que sim — o futebol mudou, nossa relação com o futebol mudou. Mas a culpa não é da nossa falta de empolgação ou de coletividade. A culpa não é do nosso individualismo. A culpa disso são outros "ismos", que fizeram com que o futebol fosse progressivamente afastado da classe trabalhadora e incorporado à lógica do capital global.

Eu estudo habitação social aqui no Reino Unido e nunca tinha me dado conta de como o futebol tem tudo a ver com o que está acontecendo com a habitação. Se a gente está vendo hoje a financeirização da moradia, com os conjuntos habitacionais do pós-guerra servindo como monumentos de uma época em que se construía casa para as pessoas morarem, os grandes estádios do século XX parecem ocupar hoje um lugar parecido: resistem como lembrança física de um momento em que o futebol era pensado, antes de tudo, para os torcedores.

um texto de:

RAFAELA SIMONATO CITRON

Mas esses grandes estádios estão em risco, assim como a dimensão popular do futebol. Não porque deixaram de funcionar, mas porque já não respondem ao modelo econômico atual do futebol, baseado em hospitalidade premium, camarotes de luxo, restaurantes exclusivos e experiências VIP.

Um exemplo que representa bem essa transformação é o San Siro, em Milão. Inaugurado em 1926, o estádio se tornou um dos maiores símbolos do futebol europeu e uma referência da arquitetura esportiva em concreto do século XX, com suas impressionantes rampas de concreto. Até 2025, o estádio pertencia à prefeitura de Milão, quando foi comprado pelos dois clubes que compartilhavam seu uso, Inter e Milan.

Os novos proprietários anunciaram a construção de uma nova arena projetada por Foster + Partners no terreno ao lado — que também era um terreno público adquirido pelos clubes. Após a conclusão da nova arena, o antigo San Siro será demolido para dar lugar a um projeto de reurbanização, com escritórios, áreas comerciais e novos espaços verdes. A arena em si terá capacidade menor que a atual, mas incluirá cabines privadas, áreas premium e restaurantes de luxo. Afinal, hoje, é isso que importa.

Não poderiam ter construído em outro lugar e mantido o estádio original? Ele não poderia ser usado para outros eventos? Ou então reutilizado para outros usos? Mas eu adicionaria ainda mais uma pergunta: faz sentido manter a arquitetura do estádio e remover dela a sua alma, que é justamente o futebol?

Temos dois exemplos aqui no Reino Unido que ajudam a pensar essa questão. Um é o Goodison Park, um dos estádios mais antigos da Inglaterra. O Everton construiu um novo estádio, inaugurado em 2024, e recentemente anunciou que o antigo estádio será mantido. O Goodison Park passará a abrigar o futebol feminino do clube, preservando assim não apenas a estrutura física, mas também a sua essência, que é o uso esportivo.

Em contraste, o antigo Highbury Stadium, do Arsenal, foi convertido em um complexo residencial de luxo, preservando parte da arquitetura, mas removendo completamente sua função original. É um projeto extremamente interessante e admirado por arquitetos, justamente por mostrar que edificações podem receber novos usos, mesmo quando foram construídas para programas tão específicos. Mas é aqui que entra o questionamento: faz sentido? O que exatamente está sendo preservado aqui?





*down
down
down*

o futebol high society



Existe, claro, uma dimensão ambiental importante nesse debate. Reutilizar estruturas existentes sempre será mais sustentável do que demolir e reconstruir, especialmente em edifícios dessa escala e feitos em concreto, com uma enorme quantidade de carbono incorporado. Mas reduzir a discussão apenas à sustentabilidade talvez seja insuficiente, já que estamos falando também de patrimônio cultural. E quando falamos em preservação, não estamos falando apenas da sobrevivência física das edificações. Estamos falando também da permanência de usos e memórias associadas a esses espaços. Em todo patrimônio material existe uma dimensão imaterial — e essa é sempre a mais difícil de preservar.

Por isso esse debate tem tanto a ver com a habitação social do pós-guerra. A gente até consegue preservar a edificação, mas o que a gente queria mesmo era poder manter a habitação como um direito essencial de todos, e não como um ativo financeiro. E talvez seja isso que esteja em disputa: a possibilidade de manter vivos espaços populares em cidades cada vez mais organizadas pela lógica financeira. Porque a gente pode manter todos os estádios de concreto do mundo... o que a gente quer mesmo é a festa na rua, com bandeirinhas, que estão desaparecendo.



Rafaela Simonato Citron é arquiteta e urbanista. Nasceu em Carazinho no Rio Grande do Sul e hoje vive em Londres. Na Corda Bamba é fã dos comentários que ela faz em seu Instagram: [@rafa_arqurbuk](https://www.instagram.com/rafa_arqurbuk). Principalmente porque ela inferniza a vida das pessoas que acreditam em arquitetura afetiva. As fotos do estádio do Arsenal são dela. A aérea de San Siro é da agência Roscosmos MG.